

ESPERANÇA E ESSÊNCIA

“*In memoriam* de Nicolle Mary de Souza Januário”

“A vida não passa de uma oportunidade de encontro; só depois da morte se dá a junção; os corpos apenas têm o abraço, as almas têm o enlace”. (Victor Hugo)

Nícolas Vladimir de Souza Januário¹

Em uma majestosa manhã de sábado, a iluminação do dia adentrava-se pelas frestas da janela do meu quarto anunciando mais uma oportunidade da existência.

O cheiro do café fresco já tomava conta do ambiente familiar que vagorosamente era absorvido pelas minhas narinas como se fossem passos de uma valsa italiana. Lenta, delicada e identificável.

Ainda na cama, espreguiçava o corpo, agradecia feliz por mais um dia e sorridentemente, iniciava meus movimentos para sair do estado remansado de uma noite tranquila e benfazeja que tivera.

À medida que recompunha meu corpo e minha consciência tornava no tempo e no espaço, uma alegria imensa fazia com que meu coração batesse mais forte, pois o perfume do café coadunava-se em cantarolas de mamãe que vinham ao longe da cozinha.

Sempre foi assim. O cheirinho do café e mamãe cantando ao prepará-lo. Era um ritual, ou melhor, uma prece. Pois sempre que escutava mamãe cantar ficava evidente sua alegria incondicional e sem motivo aparente. Sua voz, oscilações entre graves e agudos em passos rítmicos confirmava, de certo, que o dia seria perfeito e aproveitável.

Ao ver minha adorável mãezinha preparando nosso desjejum meu sorriso alargou-se em comunhão aos abraços macios e protetores na finalidade de abençoar-me mais um dia. Cultura esta que determinava nossa identidade familiar.

Sorrimos, brincamos e falávamos sobre alguns assuntos nossos de dias passados, da manhã que iniciava e de sonhos futuros. Cada sorriso dela, cada carinho esboçados em seus olhos, fazia-me perceber o quanto ela era preciosa em meu aconchego. Ela me visitava a cada quinze dias, pois há cinco anos não mais domiciliava com minha mãezinha e irmã.

¹ Pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de Minas Gerais (CEPEMG), graduado em Letras – Português/Inglês pelo Centro Universitário de Belo Horizonte/MG (UNI-BH) e professor sobre Estudos da Linguagem no Curso de Direito da Universidade José do Rosário Vellano (UNIFENAS) - câmpus Campo Belo/MG.
nicolas.januário@unifenas.br

Aproveitava ao máximo as visitas de mamãe, sem pensar no dia em que ela retornaria para sua casa. Quando a quinzena terminava, meu sorriso acinzentava, as gargalhadas do convívio adormeciam e a contagem dos dias para que ela retornasse o mais rápido para os meus braços eram masseirados² em uma folhinha mariana pendurada na parede da cozinha já por pintar.

Ainda sentados à mesa desjejuando-nos, conversávamos afetuosamente. Gargalhadas se misturavam com a fragrância da proteção e alegria materna que passeava no ar. Quando de repente, a consciência de mamãe fê-la lembrar de minha amada irmã. Minha caçula estava a 270 quilômetros de onde estávamos.

Zelosa, cuidadosa, amorosa e pelos atributos imensuráveis que possuía, mamãe sentiu-se preocupada, pois não conseguia se comunicar com minha irmã desde a noite passada daquele sábado.

O que antes era um ambiente de alegria, paz e gracejos, tornou-se um espaço preenchido por súbita nebulosidade de angústia e inquietação.

Por mais que eu dissesse para mamãe que estava tudo bem, que nada havia acontecido, que “notícias ruins chegam rápido”³, o coração dela alertava-se com vibrações contrárias do “bom dia” antes cantarolado.

Disse para ela na tentativa de acalmá-la mais uma vez que aquele dia estava lindo por demais para algo ruim acontecer, mas sua afeição deu lugar a marcas de opressão dolorosa.

O ambiente já estava tomado. O céu começava a nublar. Até parecia compartilhar da dor de minha mãezinha. A atmosfera tornava-se espessa e sentíamos o cheiro da chuva que anunciava uma possível tempestade.

O telefone toca... Olhamos um para o outro com um ar gelado no estômago. Torna a tocar insistentemente o aparelho que traria uma notícia...

Mamãe atende dizendo um alô diferente dos demais. Sem rodeios, a ela é dada uma notícia do falecimento de minha irmãzinha. Naquele momento, as portas de nosso coração são abertas à tempestade que fora anunciada pelos ventos do norte e de maneira súbita, a chuva caiu. Choraram o céu e mamãe.

Atônito, abracei-a fortemente, sem acreditar no que estava acontecendo. Por minutos segurei mamãe firme em meus braços. Lá fora o vento soprava e a terra molhada cheirava. Era a dor, a dilaceração de uma alma encharcada de prato e dor.

Mamãe fitou-me com olhos cheios de lágrimas, afastou-se de meus braços, saiu da casa e olhando para o céu com os braços erguidos disse:

² Conotativamente, o mesmo que rabiscar, marcar com força.

³ Ditado popular

- Meu Deus! Meu amado Senhor! Eu aceito tudo, inclusive esta dor. Só lhe agradeço por ter me emprestado minha filha por 32 lindos e belos anos. Meu coração agora sangra, mas com teu amor e com a fé que tenho em ti, espero que esta tempestade cesse!

Assistindo àquela cena percebi que mamãe sinonimizava a Esperança, o Amor, a Força que nunca de fato havia presenciado em outras situações.

Arrumando nossas malas para irmos ao encontro de familiares e resolvermos negociatas fúnebres, mamãe acariciando meus cabelos e enxugando minhas lágrimas disse:

- Filho, neste vasto território de existências, os sentimentos mais sublimes que herdamos de longe...bem de longe...renovam todas as coisas!

Olhando com carinho e ao mesmo tempo com pena e dor, percebi que ela era mais que uma protagonista, era pigmentação das inúmeras cores que alicerçam minha vida. Ela foi e ainda é a verdadeira veste de Esperança e elemento factível de que toda história possui essências que moldam a consciência em diferentes tempos, em diferentes espaços, criando assim uma identidade, um valor, que estendem em mim.